

## Desenvolvimento de talentos na meia idade: antes tarde do que nunca

### *Talent development in middle aged: better late than never*

Ana Cristina Tietzmann<sup>a</sup>

<sup>a</sup> *Psiquiatra e psicoterapeuta. Poeta e escritora em formação. Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. <[actietzmann@gmail.com](mailto:actietzmann@gmail.com)>.*

#### ARTICLE INFO

##### Article history

Received: 20/10/2015

Accepted: 24/10/2015

##### Correspondent Author

Ana Cristina Tietzmann  
Av. Taquara, 586/605 – Petrópolis  
90000-200 Porto Alegre, RS, Brazil  
<[actietzmann@gmail.com](mailto:actietzmann@gmail.com)>

© 2015 All rights reserved

##### Editors

Alfredo Cataldo Neto  
Irenio Gomes

#### RESUMO

A autora escreve sobre o desenvolvimento de talentos e habilidades no adulto de meia idade. Tendo por base estudos psicanalíticos sobre o desenvolvimento psicológico no adulto e estudos sobre aspectos sociais e emocionais da criatividade, faz uma reflexão sobre este processo a partir da própria experiência.

**DESCRIPTORIOS:** Individuação; Meia idade; Talento; Criatividade.

#### ABSTRACT

The author writes about talent development and abilities in middle aged adults. Based on psychoanalytic studies on the psychological development in adults and studies of social and emotional aspects of creativity, reflects on this process from your own experience.

**KEYWORDS:** Individuation; Middle aged; Aptitude; Creativity.

*“Um homem precisa saber o que quer,  
e saber o que pode fazer.  
(...) antes que chegue a este ponto, descreverá  
não uma linha reta, mas sim uma torta e  
desigual, hesitando, vagueando, voltando atrás (...)  
tudo porque nas grandes e pequenas coisas vê diante  
de si o tanto quanto é possível e alcançável pelo  
homem em geral, sem saber todavia qual parte  
de tudo isso é conforme à sua natureza,  
e realizável apenas por si, sim, fruível apenas por si.”*

ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860)

O desenvolvimento humano ocorre ao longo de toda a vida. Esta afirmação pode parecer paradoxal quando pensamos que a partir da meia idade o ser humano entra em uma fase de declínio de suas capacidades físicas e biológicas. No entanto, quanto aos aspectos psíquicos e emocionais, podemos

seguir evoluindo, em relação a etapas anteriores, mesmo que estejamos mais velhos. Observa-se que frente à perspectiva da morte inicia-se um complexo processo psíquico no qual ocorre, entre outras coisas, uma necessidade de revisão das noções e vivências que a pessoa tem de si mesma (*self*) e dos outros. Esta

crise profunda surge a partir da percepção do limite de tempo e das transformações físicas inerentes ao envelhecimento, gerando angústia e conflitos internos. Pode levar a diferentes desfechos, patológicos ou não, dependendo das capacidades pessoais e oportunidades encontradas para lidar com esses desafios. Nessa fase, a possibilidade de desenvolver talentos e habilidades intelectuais, criativas ou produtivas pode ganhar um novo impulso. Ocorrendo as condições necessárias, capacidades que não puderam emergir ao longo de outras fases da vida, podem vir a exercer um importante papel na reestruturação do *self* e na manutenção da autoestima ao longo da segunda metade da vida.

## DESAFIOS DA METADE DO CAMINHO

As diferentes fases do ciclo vital e suas tarefas evolutivas no adulto têm sido estudadas por vários autores nas últimas décadas. Dentro de uma perspectiva psicanalítica, os desenvolvimentos neste campo partem de Freud e passam por autores com Erik Erikson e Margareth Mahler, até os trabalhos de Kevin Colarusso e Guillermo Montero, que têm dedicado um olhar especial aos desafios e oportunidades que ocorrem a partir da chamada meia idade.

Não existe uma regra para definir quando se dará a entrada nessa fase. Dizem que inicia por volta dos 40 anos, mas a idade cronológica não é um bom parâmetro. As pessoas se desenvolvem psicológica e emocionalmente com ritmos próprios, dependendo das vivências e aquisições nas fases anteriores (infância, adolescência, adultez jovem). O desenvolvimento psicológico é um processo dinâmico e continuado, que levará a formas diferentes de utilização do “aparelho psíquico”, nossos processos mentais construídos ao longo do caminho. A maneira como pensamos, sentimos, nos relacionamos conosco e com os outros é o resultado de complexas interações entre nós mesmos e nosso ambiente físico e social. Essas transformações exigem constantes “atualizações” para que possamos nos adaptar aos diferentes momentos e situações vividas. Cada etapa traz novos desafios. A possibilidade de realizar esses processos de forma mais adaptada e saudável exige esforços, uma boa dose de flexibilidade psíquica e emocional e, simultaneamente, a manutenção de uma consciência de nós mesmos ao longo do tempo. Esta noção de si mesmo é construída e transformada ao longo da vida, através de um processo que, em termos psicanalíticos, é chamado de “separação-indivuação”. Considerado o “nascimento psicológico” do ser humano, sugere-se que este processo é realizado ao longo de toda a vida, em diferentes etapas e complexidades. A primeira indivuação ocorre, em

circunstâncias normais, do nascimento até os 3 anos de idade. Gradualmente, o bebê passa a sentir-se como um ser separado dos outros podendo incorporar e manter uma representação mental da mãe/cuidador. Este processo possibilita à criança ir à escola e sentir-se segura, por exemplo. Também envolve a construção de um senso de ser real e verdadeiro. A partir da qualidade das interações e do quanto a criança é respeitada como ser individual, pode se fortalecer o chamado “*self* verdadeiro”, de onde partem os gestos espontâneos. O segundo processo de separação-indivuação deve ocorrer durante a adolescência, quando a tarefa passa a ser que o jovem desenvolva autonomia suficiente para sentir-se separado psicologicamente do núcleo familiar, elaborando os conflitos inerentes a esta etapa. A indivuação na fase de adultez acontece quando o papel de adulto, com suas exigências de maior capacidade para o cuidado, vai tomando novas proporções e levando a uma reavaliação das relações com os próprios pais e com as novas gerações. Na meia idade, a crescente percepção da finitude gera a necessidade de uma revisão de compromissos e vínculos, consigo e com os outros, de forma ampla, tanto interna quanto externamente. As formas de enfrentar estes desafios variam, mas saber como, e com quem, se chegará à velhice, não é pouca coisa. Soma-se a isso o desejo de não ser esquecido, de alguma forma deixar marcas de nossa passagem por este mundo. Mais tarde, a proximidade da morte, e as perdas inerentes a esta etapa, podem levar à busca por aproximação às pessoas significativas bem como preocupação e interesse pelo futuro das gerações mais novas. Quando não houver a possibilidade de construção e manutenção de vínculos amorosos e de cuidado, chega-se ao isolamento e desespero diante do fim da vida. Um dos grandes desafios deste longo processo de indivuação está na conquista de um sentimento de autenticidade, o reconhecimento intrapsíquico de que se é singular, separado psicologicamente dos pais, ainda que interdependente de muitas pessoas no presente. É na interação com os outros que nos tornamos o que somos. As pessoas funcionam como espelhos nos quais podemos nos ver. Quando conseguimos conhecimento suficiente sobre quem realmente somos, podemos parar com os jogos de imitação e ser espontâneos, criar. Este processo é longo e complexo. Envolve o reconhecimento de si mesmo na própria história, com seus personagens e enredos, desilusões e reparações possíveis. Algumas pessoas conseguem chegar a este grau de integração psíquica cedo na vida. Algumas nunca conseguirão. Muitas vezes este processo é dificultado, ou mesmo suprimido, dependendo da qualidade dos relacionamentos experimentados ao

longo do tempo. Os tratamentos psicoterápicos ou psicanalíticos e as novas relações afetivas confiáveis podem ser oportunidades para a retomada do processo. A caminho da individuação e da maturidade, entrar em contato com as próprias capacidades e limitações torna-se urgente quando nos damos conta de que não nos resta tanto tempo para as sonhadas realizações. As turbulências causadas por esta tomada de consciência pode levar a sofrimento e reações inesperadas. A possibilidade de um rearranjo de metas e o uso de capacidades, dentro de uma perspectiva realista, pode gerar saídas criativas para enfrentar a dura verdade: mais cedo ou mais tarde, vamos todos morrer.

## CONDIÇÕES QUE GERAM PROCESSOS CRIATIVOS

A capacidade para criar é inerente ao ser humano. Os processos criativos estão em toda atividade que dá significado à vida humana através de comportamentos produtivos: nas artes, nas ciências, na tecnologia ou no cotidiano. Para cada pessoa, este fazer é impregnado de significados e constitui parte da identidade.

Ao longo da vida, vamos aprendendo e direcionando nossos interesses de forma a poder executar alguma tarefa, profissão ou atividade produtiva. Apropriamo-nos de uma linguagem específica e conhecimentos que possibilitem a execução desta atividade. Este processo se dá através da educação, da família, dos amigos, da mídia, enfim, de várias formas. O direcionamento para determinada área ocorre por diferentes motivos, influências culturais, sócio econômicas ou circunstanciais e, muitas vezes, não tem a ver com as habilidades e interesses próprios da pessoa. Quando não existe um reconhecimento precoce de determinada habilidade ou talento, este pode ficar latente. Por outro lado, dependendo do ambiente ou do tipo de trabalho escolhido, a criatividade fica restrita ou bloqueada. São necessárias condições para que o potencial criativo se expresse e possa se materializar através de realizações autênticas e inovadoras que tenham um significado pessoal.

São citados como aspectos psicológicos que afetam a criatividade as características motivacionais, habilidades cognitivas e traços de personalidade. Os fatores motivacionais dizem respeito ao impulso para a realização, ligado ao desejo de descoberta e de ordem no caos, levando o indivíduo a se envolver na atividade com satisfação. Podem ser de ordem intrínseca, ou seja, a pessoa se engaja na busca da solução criativa pelo valor que esta tem em si mesma, ou extrínseca, pela necessidade de bens materiais, uma promoção no trabalho ou outros interesses. Na motivação intrínseca,

o ato criativo é um fim e não um meio. O problema é por si só desafiador para a pessoa e esta se sente impelida a se entregar a ele, obtendo um grande prazer quando a solução é alcançada. Entre as habilidades cognitivas necessárias para a criatividade está a capacidade de ter ideias e associá-las de forma original e flexível, mudando de direção e estabelecendo novas conexões. Aqui não se trata apenas da utilização do pensamento e da linguagem através de palavras, mas também do uso de imagens, ou outra forma de representação mental, para a busca de soluções. Estudos com pessoas que deram contribuições altamente criativas em suas áreas mostram alguns traços de personalidade como autonomia, flexibilidade pessoal e abertura à experiência como sendo fundamentais. Eles facilitam a reformulação de julgamentos ou ideias previamente formadas a respeito de algo e a busca de novas respostas para os problemas. Autoconfiança, iniciativa e persistência, assim como sensibilidade e espontaneidade também aparecem como características ligadas a uma maior criatividade. Entre as barreiras internas que dificultam ao indivíduo fazer uso do seu potencial criador estão crenças sobre si mesmo que refletem uma baixa autoestima, falta de autoconfiança e sentimentos de inferioridade. Outra barreira é a falta de conhecimento. Para se chegar a uma produção criativa é necessária uma bagagem de conhecimento em determinada área.

As diversas experiências que a pessoa vivencia durante sua socialização, no ambiente familiar, escolar ou de formação, favorecem ou inibem a expressão da criatividade. Os estudos sobre a influência da família na criatividade observam que relações familiares que apoiam a independência e autoconfiança, respeitam e estimulam os interesses e a curiosidade, cultivam a abertura às próprias experiências e ao mundo interior, com seus anseios, alegrias e temores, bem como a ausência de comportamento crítico, restritivo ou punitivo, parecem favorecer a expressão criativa de crianças e adolescentes. Por outro lado, mesmo quando não existe o estímulo familiar, e as pessoas tem que lidar com famílias problemáticas, mães dominadoras, pais desajustados e experiências traumáticas, o talento criativo pode se desenvolver. Existem outras forças que influenciam sua complexa expressão e experiências externas à família podem ser muito importantes. O ambiente escolar, as características do professor, a influência dos colegas, os objetivos educacionais e métodos de ensino e o clima psicológico predominante em sala de aula, estão entre elas. Métodos de ensino que estimulem o aluno a pensar de forma independente, testar suas ideias e se envolver em atividades que estimulem sua curiosidade, utilizando diferentes habilidades intelectuais, favorecem a expressão

criadora. Entre os fatores que dificultam o potencial criador nos sistemas educativos estão a ênfase na memorização e reprodução de conhecimentos, baixas expectativas do professor em relação ao potencial criativo do aluno e o desconhecimento por parte dos professores de técnicas que favoreçam a produção de novas ideias.

São inúmeras as possibilidades criativas que podem emergir do ser humano. E destrutivas também. Cada pessoa vai dedicar seu tempo e sua energia para aquelas que estiverem ao seu alcance. Os diferentes tipos de inteligência e capacidades presentes nos indivíduos tendem a emergir quando existe a confluência de criatividade e motivação num ambiente estimulante, tolerante ao erro e não punitivo. Com o passar dos anos, podemos ter uma noção mais clara de nossas capacidades e limites. Também podemos buscar ativamente o autoconhecimento e ambientes que estimulam o crescimento e a criatividade. Enfim, ao nos depararmos com a segunda metade da vida, podemos sentir aquela motivação que faltava para encarar algo novo: nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

1. Montero GJ. La travessia por la mitad de la vida: exégesis psicoanalítica. 1ª ed. Rosario: Ediciones Homo Sapiens; 2005.
2. Colarusso CA. Desarrollo psíquico: el tiempo y la individuación a lo largo del ciclo vital. 1ª ed. Buenos Aires: Entrevista Editorial; 2008.
3. Ostrower F. Criatividade e processos de criação. 28ª ed. Petrópolis: Vozes; 2013.
4. Alencar ES. Dimensões psicológicas e sociais da criatividade. In: Criatividade e educação de superdotados. Petrópolis: Vozes; 2001.
5. Winnicott DW. O brincar: a atividade criativa e a busca do eu. In: O brincar e a realidade. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: IMAGO Editora; 1975.
6. Schopenhauer A. O mundo como vontade e representação. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP; 2005.

## POESIAS

### CANTO PRÓPRIO

a noite vem.  
pássaros buscam refúgio  
um galho na árvore  
um canto

nascida livre  
criada em gaiola  
recém aberta  
minha poesia voa

é pássaro  
refúgio  
recanto

### NUNCA PENSEI

que o pensar pudesse me levar  
a viver assim  
nunca pensei  
dar vida aos mortos  
ou quase mortos  
que habitam em mim

### ENCOMENDADOS

perto do fim do futuro  
súditos imaginários de um príncipe português  
estão a escrever o grande poema sem nexos  
desejo de improvável sentido  
emerge de antigas letras  
outra paisagem nos versos  
o mesmo desassossego  
perto do fim do futuro  
o reino sonhado se expande  
manto vestido, cetro empunhado  
sai criança a brincar